

Inflação e guerra justificaram a medida

Eva Rodrigues
de São Paulo

A manutenção dos juros básicos da economia em 26,50% já era esperada pela maioria dos analistas, mas a adoção do viés de alta pelo Comitê de Política Monetária (Copom) embute, mais do que um elemento de risco em torno do incerto cenário internacional, a sinalização de que inflação ainda está na ordem do dia para o colegiado do Banco Central (BC) e que a velocidade da desaceleração verificada nos últimos indicadores ainda está bem aquém da desejável.

A **MCM Consultores Associados** projetava uma alta de 0,5 ponto percentual na Selic exatamente por levar em conta que a inflação ainda está em patamares altos. Não veio a alta mas veio o viés de alta, que foi bem recebido pelo economista Antonio Madeira. "De fevereiro para março vimos ocorrer uma forte queda nos prêmios de risco das taxas de juros mais longas. E agora, a adoção do viés cria um elemento de risco cuja consequência é a elevação dos prêmios das taxas longas que balizam o custo do crédito, e acabam mexendo no nível de atividade econômica", avaliou o analista, para quem essa foi uma "medida inteligente" do governo visto que aumenta o custo do crédito sem onerar a dívida pública.

O economista-chefe da **LCA Consultores**, Luís Suzigan, esperava manutenção da Selic sem adoção de viés, "porque o grau de incerteza já é muito grande e esse é mais um elemento de risco". De qualquer maneira, ele avalia a decisão do Copom como adequada, especialmente ao considerar que o desconforto observado no mercado com a medida foi pequeno. "O grau de incerteza em relação aos impactos da guerra é grande e com o viés o Banco Central ganha agilidade para entrar em ação se for necessário", diz.

Para além da questão externa, o resultado da segunda prévia de março do IGP-M (alta de 1,13% ante projeção de 0,85% da LCA) é apontado por Suzigan como fator que fez acender o "sinal amarelo" no BC. "O resultado foi mais alto do que o Banco Central e boa parte do mercado esperavam e indicou aceleração de preços não apenas em itens ligados à cadeia do petróleo. Isso gerou desconforto no BC que agora, com o viés, poderá reagir com alta nos juros se os próximos índices de inflação não melhorarem", pondera o economista, ao indicar que o colegiado do BC também estará acompanhando de perto nas próximas semanas o comportamento dos preços internacionais do petróleo e a taxa de câmbio.